

# INTERCULTURALIDADE NAS AULAS DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA (PLE): REFLEXÕES A PARTIR DA TEORIA DOS ATOS DE FALA

Pamela Andrade

**RESUMO:** O objetivo deste artigo é discutir como trabalhar a interculturalidade em sala de aula de português como língua estrangeira, com base na teoria dos atos de fala. Verifica-se que a contribuição dessa teoria no ensino de línguas estrangeiras permite o desenvolvimento da competência comunicativa dos aprendizes, além de promover a troca intercultural em sala de aula. Dessa forma, aprendizes tornam-se mais preparados para lidar com as diversas situações comunicativas de seu dia a dia e para compreender e respeitar as diferenças culturais.

**Palavras-chave:** Atos de fala; Português língua estrangeira; Interculturalidade

## Introdução

Neste artigo, nossa proposta é fazer uma reflexão teórica sobre o trabalho intercultural em sala de aula, especificamente a partir da teoria dos atos de fala, embora a interculturalidade possa e deva ser trabalhada de diversas formas. Nosso objetivo é incentivar a reflexão a partir da teoria para que o professor possa enriquecer sua prática. Trataremos especificamente do caso de ensino e aprendizagem de português como língua estrangeira<sup>1</sup>. Para tanto, faremos um breve comentário sobre alguns estudos nessa área. Em seguida, comentaremos sobre a teoria dos atos de fala e sua contribuição para o ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras. Defenderemos que trabalhar com a teoria dos atos de fala em sala de aula permite discutir e refletir sobre cultura, promovendo a competência comunicativa dos alunos e incentivando o respeito e a troca cultural. Como afirma Ferreira (2008, p. 175), “a língua permite ao ser humano não apenas satisfazer a sua necessidade de comunicação, mas também realizar a sua comunhão com o outro, criando um clima favorável à coexistência, ao intercâmbio, ao diálogo e à solidariedade”.

Também revisaremos conceitos de cultura e interculturalidade, focando na teoria dos atos de fala como pesquisada pela pragmática intercultural. Além de promover a troca cultural, o trabalho com os atos de fala também desenvolve a competência comunicativa dos aprendizes. Como diz Duranti (1997 apud SANTOS, 2004, p. 102), “ter uma cultura significa ter comunicação, e ter comunicação significa ter acesso à linguagem”.

Nossa proposta é demonstrar a grande importância de trabalhar a interculturalidade em sala de aula, uma vez que, nas palavras de Ortiz (2002 apud FERREIRA, 2008, p. 175-6):

inserir conteúdo cultural no ensino de LE, em nosso caso de PLE, além de significar retirar a língua do vazio, significa também empregar-lhe o papel catalisador de crescimento pessoal, promovendo

---

<sup>1</sup> Neste trabalho, usaremos o termo língua estrangeira de forma geral, sem fazer distinção entre segunda língua e língua estrangeira. Assim, o termo PLE será usado tanto para o ensino de português fora do país como para o ensino de português dentro do Brasil, em contexto de imersão.

um interesse crescente pela cultura que se desestrangeiriza, além da tolerância e do respeito pela identidade e pelos valores de seu povo.

## **1. O ensino de português como língua estrangeira**

Os estudos de ensino e aprendizagem de português como língua estrangeira (que passaremos a chamar de PLE) na área da linguística aplicada têm crescido muito nos últimos anos. É cada vez maior o número de interessados em aprender, especificamente, o português brasileiro, uma vez que o Brasil ganha destaque no cenário internacional. Lembramos que, segundo Cunha e Santos (1999, p. 10), o primeiro livro lançado no Brasil reunindo artigos que tratam do tema do ensino de português para falantes de outras línguas data de 1989, e foi organizado por Almeida filho e Lombello sob o título *O ensino de português para estrangeiros: pressupostos para planejamento de curso e elaboração de materiais*.

Atualmente, as pesquisas acadêmicas que lidam com o tema são cada vez mais numerosas e complexas, abrangendo diferentes contextos. Por outro lado, a atuação de professores não acompanha o mesmo ritmo dos trabalhos acadêmicos, uma vez que a formação em PLE começa a ganhar destaque neste momento, e ainda são poucas as universidades que oferecem disciplinas específicas nesta área. Ainda cabe mencionar a escassez na produção de materiais didáticos que também não tem acompanhado a crescente produção acadêmica. São poucos os títulos disponíveis no mercado, os quais, de forma geral, lidam com a abordagem estruturalista da língua. Apesar de ainda ser predominante, na prática, o uso da abordagem estruturalista não é suficiente para lidar com as atuais necessidades e realidades dos aprendizes de língua estrangeira, como argumentam pesquisas recentes nas áreas de linguística e linguística aplicada (SERRANI, 2010; SANTOS, 2004), que nos mostram que os aspectos discursivos, sociais e culturais da língua também devem ser levados em consideração para que seja possível compreender e refletir como a língua é usada na comunicação. Neste artigo, desenvolveremos nossa reflexão sob o ponto de vista da pragmática, que, segundo Kerbrat-Orecchioni (2005, p. 11), “pode ser definida como o *estudo da linguagem em ação*”. Desse modo, concordamos com Cook (1989) quando ele compara a abordagem estruturalista e a da pragmática,<sup>2</sup> comentando que não é possível fazer uma distinção absoluta entre as duas abordagens, uma vez que não nos comunicamos apenas com as regras de semântica e de gramática, assim como não podemos nos comunicar muito bem sem elas.

## **2. A teoria dos atos de fala e a competência comunicativa**

A teoria dos atos de fala surge com o trabalho do filósofo John L. Austin, tendo como marco a sua obra *Howto do thingswithwords*, publicada após a morte do autor em 1962. Entretanto, a concepção de que “*dizer é fazer*”, que está por trás dessa teoria, já vinha sendo desenvolvida desde o início do século XX. Desde então, os diferentes campos de pesquisa relacionados às ciências da linguagem vinham conscientizando-se sobre a dimensão pragmática da linguagem (KERBRAT-ORECCHIONI, 2005).

A referida obra de Austin traz discussões essenciais para seu momento histórico, que refletem nas diferentes áreas do saber até hoje. Nessa obra, temos a sistematização do que vem a ser a teoria dos atos de fala. Antes de falarmos sobre a teoria, cabe comentar sobre as particularidades que envolvem a publicação desse livro e seu autor. Como explica Ottoni (2002, p. 124), o livro,

---

<sup>2</sup> Na obra referida, especificamente, o autor mostra como usar a análise do discurso nas aulas de língua estrangeira.

reconstituído por M. Sbisà e J. O. Urmson, é resultado de doze palestras proferidas em Harvard em 1955 e de outras durante o curso *WordsandDeeds* que ele ministrou de 1952 a 1954 em Oxford e também das gravações de duas conferências: uma realizada na BBC em 1956 e a outra em Gothenberg em outubro de 1959.

Austin foi um filósofo inglês, professor da Universidade de Oxford, importante nome da chamada filosofia da linguagem ordinária. Em sua época, predominavam as ideias veiculadas pela filosofia analítica, pautada pelo positivismo lógico, cujo objetivo era “chegar a uma linguagem ideal, partindo da linguagem comum e eventualmente reformulando-a” (RAJAGOPALAN, 1990, p. 231). Os conceitos trazidos por Austin promovem uma reviravolta nas ideias da filosofia analítica, dominantes na época. Como nos explica Rajagopalan (ibidem), o lema de Austin era “problematizar”, e sua grande contribuição foi questionar a ideia de que a língua era apenas um instrumento para descrever a realidade e de que as frases poderiam ser classificadas apenas em verdadeiras ou falsas de acordo com a realidade. Assim, a pergunta principal é, mais uma vez nas palavras de Rajagopalan (ibidem, p. 235): “será que toda declaração serve única e exclusivamente para descrever fatos?”. O próprio autor, fã confesso de Austin e importante nome da linguística no Brasil, nos dá a resposta: “com a ajuda de um punhado de argumentos engenhosamente arregimentados, Austin desfaz num passe de mágica qualquer vestígio remanescente da certeza milenar”, referindo-se à força (ainda atual) dos pressupostos do positivismo lógico, cujas ideias são muitas vezes tidas como verdades incontestáveis nas discussões teóricas.

As discussões de Austin permitem que os estudos da linguagem tomem um novo rumo. Nas palavras de Ottoni (2002, p. 119):

Austin revoluciona não só a filosofia analítica naquele momento, como questiona postulados fundamentais da linguística enquanto ciência autônoma, proporcionando uma gigantesca discussão em torno da filosofia da linguagem. Vai, deste modo, questionar fortemente o caminho e a supremacia do positivismo lógico (ou logicismo) nos estudos da linguagem. O caminho aberto por Austin é o fortalecimento do estudo da linguagem ordinária.

Além disso, o trabalho de Austin gera o impulso para os estudos da chamada pragmática, tanto a linguística como a filosófica. Discutir as implicações da teoria dos atos de fala na pragmática linguística, especificamente, para o ensino de línguas estrangeiras é nosso objetivo. Para tanto, cabe refletirmos mais uma vez com as palavras de Ottoni (2002, p. 119-20):

**O desinteresse de Austin por uma linguagem ideal é um dos pontos principais que toca diretamente a um certo tipo de linguística** e de filosofia. É a partir do estudo de certas dificuldades criadas pela linguagem ordinária que, segundo certos filósofos ou linguistas, uma palavra não expressa um conceito preciso ou mesmo uma frase não expressa um pensamento claro, isto é, não há uma adequação entre a palavra e o conceito e entre a frase e o pensamento. (grifo nosso)

Da mesma forma, a discussão sobre uma linguagem ideal também não interessa ao ensino de línguas estrangeiras, uma vez que não podemos controlar como e o que o aluno realmente vai usar ou não da língua estrangeira. Sabemos que hoje, com o “encurtamento das distâncias” promovido pelo desenvolvimento da tecnologia e da

comunicação, cresce o número de interessados em aprender línguas estrangeiras, e seus motivos e objetivos são os mais variados. No caso do PLE no Brasil, podemos citar o caso dos estudantes universitários que vêm estudar no país, ou dos empresários ou funcionários de empresas que são transferidos para trabalhar aqui, ou ainda dos que vêm em busca de uma vida melhor, seja em termos profissionais ou pessoais, além dos cursos de português oferecidos em instituições fora do país. Afinal, o que podemos afirmar é que o estudo do uso da língua na comunicação é imprescindível neste contexto. Dessa forma, devemos fornecer as ferramentas necessárias para que o aluno reflita sobre a língua, ajudando-o a construir seu próprio aprendizado. Nesse sentido, argumentamos que a teoria dos atos de fala traz importante contribuição para o professor de língua estrangeira, já que ela pode ser usada como base para promover a reflexão sobre os diferentes modos de “dizer/fazer” em diferentes línguas. Tal reflexão levará ao desenvolvimento da competência comunicativa.

Em seu artigo sobre competência comunicativa, Hymes (2001) argumenta que não é possível estudar a língua sem levar em consideração os aspectos socioculturais que a envolvem. Em seu texto, ele enfatiza que “temos que levar em conta o fato de que uma criança normal adquire conhecimento de sentenças, não apenas como formas gramaticais, mas também como adequadas”<sup>3</sup> (HYMES, 2001, p. 60). Assim, conclui que “existem regras de uso sem as quais as regras da gramática são inúteis”<sup>4</sup> (ibidem); e é essencial que os aprendizes de línguas estrangeiras conscientizem-se disso. Para tanto, o conceito de atos de fala pode ser aproveitado para que as “regras de uso” de determinada língua sejam discutidas em sala de aula. Refletindo sobre isso, Hymes (2001, p. 61) comenta que uma mesma sentença do ponto de vista gramatical pode representar atos de fala diferentes: uma afirmação, uma ordem ou um pedido; da mesma forma que duas sentenças diferentes podem representar o mesmo ato de fala: um pedido, por exemplo. O professor poderá explorar os atos de fala trabalhando diferentes sentenças para o mesmo ato, ou explorar uma única sentença e o seu uso em diferentes contextos, caracterizando diferentes atos de fala. Ao trabalhar com os atos de fala, o professor promove o desenvolvimento da competência comunicativa dos aprendizes, tornando-os falantes mais preparados para lidar com diferentes situações na língua estrangeira. Por sua vez, o desenvolvimento da competência comunicativa por meio do trabalho com os atos de fala leva à troca intercultural em sala de aula.

Cabe destacar que é cada vez mais comum encontrar alunos multilíngues e que, portanto, trazem maior bagagem para a discussão intercultural em sala de aula. Como comenta Rajagopalan (2003, p. 69):

Uma das maneiras pela qual as identidades acabam sofrendo o processo de renegociação, de realinhamento, é o contato entre as pessoas, entre os povos, entre as culturas. É por esse motivo que se torna cada vez mais urgente entender o processo de ‘ensino-aprendizagem’ de uma língua “estrangeira” como parte integrante de um amplo processo de redefinição de identidades. Pois as línguas não são meros instrumentos de comunicação, como costumam alardear os livros introdutórios. As línguas são a própria expressão das identidades de quem delas se apropria. Logo quem transita entre diversos idiomas está redefinindo sua própria identidade. Dito de outra forma, quem aprende uma língua nova está se redefinindo como uma nova pessoa.

---

<sup>3</sup>Tradução nossa de: “We have then to account for the fact that a normal child acquires knowledge of sentences, not only as grammatical, but also as appropriate”.

<sup>4</sup>Tradução nossa de: “There are rules of use without which the rules of grammar would be useless”.

Dessa forma, no ensino de PLE, objetivar apenas o desenvolvimento da competência comunicativa não é mais suficiente diante de nosso contexto atual, em que povos e culturas se aproximam cada vez mais. Ao ensinar português para um falante de outra(s) língua(s), o professor precisa ter em mente que aquele aprendiz está formando uma nova identidade, e portanto precisa ser capaz de refletir sobre esse processo. Seguindo a argumentação de Rajagopalan (2003, p. 69-70), concordamos que

Falar de competência comunicativa em situações de multilinguismo implica rever a própria noção de competência comunicativa tal qual Dell Hymes a definiu em seu texto clássico (Hymes, 1972<sup>5</sup>). Pois a competência comunicativa de um falante multilíngue é algo em estado permanente de mutação.

Repensar a competência comunicativa significa ir além, e preparar os aprendizes para serem cidadãos do mundo, isto é, “formar indivíduos capazes de interagir com pessoas de outras culturas e modos de pensar e agir” (RAJAGOPALAN, op. cit., p. 70). Para tal, o professor deve incentivar a reflexão em sala de aula sobre as diferenças e semelhanças de se expressar nas diferentes línguas, além de trazer comparações dentro da própria língua portuguesa, mostrando diferenças culturais entre os países onde o português é falado. Esse trabalho pode ser feito de diversas maneiras; neste estudo, sugerimos a troca intercultural por meio do ensino de atos de fala. Contudo, nossa proposta se limitará à discussão teórica sobre como promover a consciência intercultural dos aprendizes a partir das discussões trazidas pela teoria dos atos de fala na visão da pragmática intercultural.

No próximo item, discutiremos a importância da troca intercultural em sala de aula, que é promovida pelo trabalho com os aspectos socioculturais que envolvem a língua, em nosso caso o português brasileiro. Assim, nossa discussão vai além do cultural e abrange o intercultural, pois professor e alunos vão dividir suas experiências e reflexões sobre a cultura da língua portuguesa no Brasil em contraposição com a da(s) língua(s) dos alunos. De acordo com Ferreira (2008, p. 177), é essa comparação contínua entre culturas “que leva os alunos a lidarem com suas próprias atitudes em relação a nova língua e cultura, e a desenvolver o pensamento crítico através do contraste e da comparação intercultural”.

### **3. Cultura, pragmática intercultural e atos de fala**

Defendemos que a língua não pode ser ensinada dissociada da cultura, isto é, que as duas devem ser trabalhadas de forma conjunta. Afinal, é também por meio da língua que se expressa a cultura. Como argumenta Hoijer (1964, apud MOURA, 2005, p. 1), “a inter-relação de língua e outros aspectos da cultura é tão próxima que nenhuma parte da cultura de um grupo particular pode ser estudada sem referência aos símbolos linguísticos em uso”<sup>6</sup>.

No entanto, e apesar de sua grande importância na teoria, o trabalho com os aspectos socioculturais na aula de língua estrangeira ainda tem papel secundário na prática (SERRANI, 2010). É muito comum, por exemplo, vermos apêndices dos livros didáticos de PLE tratando sobre temas culturais, como se língua e cultura fossem dissociados, e como se a cultura fosse apenas uma “curiosidade”. Para que essa visão se transforme, defendemos, de acordo com Serrani (2010), a formação de um professor interculturalista. Nas palavras da autora (SERRANI, 2010, p. 17-8):

---

<sup>5</sup> Neste artigo, fazemos referência ao texto de Hymes com a data de 2001; trata-se do mesmo texto de 1972 em nova edição.

<sup>6</sup> Tradução da autora.

A formação de um docente de línguas como interculturalista requer capacitação para que ele não conceba seu objeto de ensino – a língua – como um mero instrumento a ser “dominado” pelo aluno, segundo progressões de complexidade apenas morfossintática ou de apresentação de situações “comunicativas”. **O perfil do interculturalista, sensível aos processos discursivos, requer queo profissional considere especialmente, em sua prática, os processos de produção-compreensão do discurso relacionados diretamente à identidade sociocultural.** (grifo nosso)

Como enfatiza a própria autora (ibidem, p. 29), a língua “é matéria-prima da constituição identitária”. Assim, argumenta-se que não é suficiente ensinar apenas as estruturas linguísticas, é necessário conscientizar os aprendizes sobre em quais situações tais estruturas devem ser usadas, e para fazer isso o professor precisa, necessariamente, falar de cultura. Como nos mostra Brown (1990 apud MOURA, 2005, p. 20), muitas vezes ao aprender uma língua estrangeira, o aprendiz tem dificuldades para compreender o discurso na língua por não entender os aspectos culturais que a envolvem.

Nesse ponto, as reflexões teóricas e práticas trazidas pela pragmática intercultural, especificamente em seu trabalho com atos de fala em diferentes culturas, são muito úteis para o professor, uma vez que o objetivo é “inter-relacionar os modos pelos quais a língua é usada para realizar certos atos de fala com as variáveis sociais e situacionais que afetam potencialmente seu uso” (BLUM-KULKA, HOUSE, KASPER, 1989, p. 5). Os atos de fala são caracterizados como “a unidade básica ou mínima da comunicação linguística” (SEARLE, 1984, p. 26). Nas pesquisas empíricas feitas pela chamada pragmática intercultural, importa pesquisar o repertório linguístico que um determinado ato de fala gera em diferentes línguas e diferentes contextos (BLUM-KULKA, HOUSE, KASPER, 1989).

Aqui cabe retomar a discussão teórica sobre o conceito de ato de fala. Todos os enunciados são dotados de uma força ilocutória, assim, “todos os enunciados possuem intrinsecamente um valor de ato” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2005, p. 33). Os atos de fala são, desse modo, classificados de acordo com sua força ilocutória que é o conteúdo proposicional do enunciado, ou seja, “o componente que permite ao enunciado funcionar como um ato particular” (ibidem, p. 28). Já os atos ilocutórios “correspondem às diferentes ações que podem ser realizadas por meio da linguagem” (ibidem), ou seja, são os próprios atos de fala; por exemplo, convidar, recusar, desculpar-se etc. Na oitava conferência da obra *Howto do thingswithwords*, Austin distingue três tipos de atos: o ato locutório, que é o significado literal do ato de dizer alguma coisa; o ato ilocutório, que é a função social do que se diz ou o que se faz ao dizer; e o ato perlocutório, o efeito ou resultado causado pelo fato de dizer algo (BALEGHIZADEH, 2007; KERBRAT-ORECCHIONI, 2005). No caso do português brasileiro, por exemplo, a expressão “tenho que buscar meu irmão na escola” como resposta para o convite de um colega representa o ato ilocutório de recusa. Assim, quando falamos de atos de fala estamos nos referindo aos atos ilocutórios.<sup>7</sup> Dessa forma, os modos pelos quais pode ser realizado um mesmo ato de fala variam de acordo com a cultura. No caso de nosso exemplo, um estrangeiro que estivesse acostumado a recusar de forma mais direta em sua língua poderia ter dificuldade para interpretar a expressão com o valor de uma recusa. Já para os brasileiros, é natural recusar de forma indireta em diversas situações,

---

<sup>7</sup> Como comenta Rajagopalan (1990), não há uma padronização da terminologia em relação à teoria dos atos de fala; é possível encontrar ilocucionário, ilocucional e ilocutório.

principalmente quando falamos com colegas com quem não temos tanta proximidade, e a própria negação é omitida da recusa, sem que haja prejuízo para a comunicação (MENDES, 1996). Além disso, variações de contextos também influenciam na realização ou interpretação de um ato de fala. Mais uma vez tomando como exemplo o caso da recusa no português brasileiro, o fator idade influencia fortemente o modo de recusar. Assim, quando falamos com pessoas mais velhas nossa tendência é atenuar mais a recusa (BASTIANETTO E TORRE, 2009). Em outras culturas o fator idade pode não influenciar o ato de fala recusar dessa forma. Nesse sentido, a especificidade cultural na realização de determinado ato de fala é fator importante para ser trabalhado na sala de aula. Como comenta Santos (2004, p. 91) em sua tese de doutorado, o educador Paulo Freire foi um dos pioneiros ao defender

relações de ensino/aprendizagem de maneira geral, sensíveis à cultura dos sujeitos envolvidos no processo [...], chamando a atenção para a necessidade de se construir espaços de criação, liberdade e respeito mútuos, assim como para o desenvolvimento do diálogo entre diferentes culturas.

Desenvolver o diálogo entre culturas de forma consciente é fator essencial nas aulas de língua estrangeira para a promoção do respeito intercultural e da *paz comunicativa* (termo usado pelo linguista Francisco Gomes de Matos, 1999). Assim, esse tema merece a crescente atenção que tem recebido dos professores e das pesquisas acadêmicas.

#### **4. Considerações finais**

Defendemos que os trabalhos empíricos com atos de fala em diferentes culturas fornecem dados importantes para serem trabalhados em sala de aula; todavia, sabemos que esses dados não devem ser levados para a aula como “modelos fixos” para serem transmitidos aos alunos. Pelo contrário, os dados provenientes das pesquisas devem servir como ponto de partida para discutir e refletir sobre o contexto de cada grupo. Há muito material disponível para que possamos trabalhar em sala de aula, afinal a língua e a cultura estão em toda parte. O essencial é o professor conscientizar-se sobre sua prática e sua concepção de linguagem, e ajudar seus alunos para que também se conscientizem e sejam capazes de refletir sobre seus contextos e processo de aprendizagem, trocando experiências.

Como ressalta Rajagopalan (2003, p. 12), em defesa da formação de uma linguística crítica:

Quando me refiro a uma linguística crítica, quero, antes de mais nada, me referir a uma linguística voltada para questões práticas. Não é simples aplicação da teoria para fins práticos, mas pensar a própria teoria de forma diferente, nunca perdendo de vista o fato de que o nosso trabalho tem que ter alguma relevância. Relevância para as nossas vidas, para a sociedade de modo geral.

Sendo assim, cabe ao professor fazer a ponte entre teoria e prática contribuindo para práticas mais conscientes e teorias mais adequadas, que levem em consideração a grande diversidade de contextos. Afinal, não é possível criar teorias que deem conta de resolver todas as questões com as quais nos deparamos em sala de aula; entretanto, para a construção de uma prática consistente e eficiente, é necessário que o professor seja também um pesquisador ou um crítico de sua realidade.

## 1. Referências bibliográficas

- BALEGHIZADEH, S. "Speech acts in English language teaching". **Iranian Journal of Language Studies** (IJLS), vol. 1(2), 2007.
- BASTIANETTO, P.C.; TORRE, M. "Atos de fala e interculturalidade: proposta de material didático para a formação sociolinguística de professores brasileiros de língua italiana". **Caligrama**, Belo Horizonte, 14: 81-100, dezembro 2009.
- BLUM-KULKA, S.; HOUSE, J.; KASPER, G. (eds.). **Cross-cultural pragmatics: Requests and apologies**. (Series Advances in discourse processes. Volume XXXI). Norwood: Ablex Publishing, 1989.
- COOK, G. **Discourse**. Oxford: Oxford University Press, 1989.
- CUNHA, M.J.; SANTOS, P. **Ensino e pesquisa em português para estrangeiros**. Brasília: Edunb, 1999.
- FERREIRA, I. A. "O linguístico e o cultural na sala de aula de PLE". In: SILVA, K. A. da; ALVAREZ, M. L. O. (Orgs.). **Perspectivas de investigação em linguística aplicada**. Campinas: Pontes, 2008.
- HYMES, D. "On communicative competence". In: DURANTI, A. **Linguistic anthropology: a reader**. Oxford: Blackwell, 2001, pp. 53-73.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. **Os atos de linguagem no discurso: teoria e funcionamento**. Niterói: EdUFF, 2005.
- MATOS, F. G. de. Os direitos linguísticos de aprendizes de português como língua estrangeira. In: CUNHA, M.J.; SANTOS, P. **Ensino e pesquisa em português para estrangeiros**. Brasília: Edunb, 1999, pp. 89-94.
- MENDES, E.A.M. "Aspecto da recusa (negação) na conversação em português-brasileiro". **Rev. Est. Ling.**, Belo Horizonte, ano 5, n. 4, v. 1, p. 31-41, jan./jun. 1996.
- MOURA, R.P. O lugar da cultura em livros didáticos de português como segunda língua. Dissertação de mestrado. Brasília, Universidade de Brasília, 2005.
- OTTONI, P. "John Langshaw Austin e a visão performativa da linguagem". São Paulo, **DELTA**, 18:1, 2002, pp. 117-143.
- RAJAGOPALAN, K. "Dos dizeres diversos em torno do fazer". São Paulo, **DELTA**, 6:2, 1990, pp. 223-254.
- \_\_\_\_\_. **Por uma linguística crítica**. São Paulo: Parábola, 2003.
- ROTH, D.; MARCUZZO, P. "Um recorte no cenário atual da linguística aplicada no Brasil". In: SILVA, K. A. da; ALVAREZ, M. L. O. (Orgs.). **Perspectivas de investigação em linguística aplicada**. Campinas: Pontes, 2008.
- SANTOS, E.M.O. Abordagem Comunicativa Intercultural (ACIN): Uma proposta para ensinar e aprender línguas no diálogo de culturas. Tese de doutorado. Campinas, Unicamp, 2004.
- SEARLE, J.R. **Os actos de fala**. Coimbra: Livraria Almedina, 1984.
- SERRANI, S. **Discurso e cultura na aula de língua**. Campinas: Pontes, 2010.